

Guerra Nuclear: uma ameaça presente

*Esse tempo não tem rédea. Vem nas asas do vento
O momento da tragédia. Chico, Ferreira e Bento
Só souberam na hora do destino apresentar
Volta do mundo, camará. Mundo dá volta, camará*

Trecho da letra de Parabolicamará

Gilberto Gil

A história é uma farsa ou uma tragédia? Seja farsa ou tragédia, a grande questão é que a história, vira e mexe, se repete. O mundo em que vivemos não é mais o mesmo. Estamos em um mundo que já deu muitas voltas. Resta agora saber qual será seu destino, quais os caminhos que “*Chico, Ferreira e Bento*” irão trilhar. O que será que lhes aguarda? O espaço-tempo de agora é altamente veloz; sua aceleração é tão rápida, que nós, pobres seres mortais comuns, não temos a dimensão. Como disse Gilberto Gil: “esse tempo não tem rédea. Vem nas asas do vento...”. Logo, portanto, são diversas as novidades que assistimos cotidianamente surgindo nos quatro cantos do globo, se termos acesso a elas, só a história irá responder. Por outro lado, em outros aspectos, como no caso das guerras, o fato é que, a história deste mundo parece que segue sendo a mesma.

Estamos, já, na segunda década do 21º milênio, e é notório que a geografia do espaço mundial é cabalmente distinta da que se apresentava no pós 2ª Grande Guerra; na época predominavam as lutas de classes em Estados Nacionais individuais em torno da reprodução ampliada. As principais lutas geopolíticas surgidas no período foram, ou as da Guerra Fria, ou as lutas residuais resultantes da resistência das potências europeias em abrir mão de seus domínios coloniais. Afinal, como diz o professor Octavio Ianni, cada uma das potências “a seu tempo e lugar, polarizam configurações e movimentos mundiais”.

Neste sentido, alguns países mais poderosos, em cada época, articulam possessões coloniais, dominam territórios de acordo com suas estratégias, geoeconômicas e geopolíticas. Os conflitos, as guerras e as tensões, bem como as revoluções que eclodem e desenrolam o jogo das forças sociais “internas” e “externas” nas grandes cidades, nas colônias e nos territórios e nos países dependentes, vão desenhando e escrevendo a história da geografia política internacional. O momento histórico em que estamos vivendo não é diferente.

A geografia política global, está diante de um espaço geográfico que se constitui em um “meio técnico-científico-informacional” conforme disse o professor Milton Santos. O quadro geopolítico em que a humanidade se encontra está profundamente modificado; novas forças trabalharam e trabalham nas transformações operadas, e as mudanças ocorridas afetam enormemente a vida econômica e política das pessoas. Em síntese, o espaço geográfico mundial segue povoado de múltiplas e distintas formas culturais, religiões, línguas, tradições e visões de mundo, ao lado das mais diferentes e diversas formas de vida e de trabalho.

Antes mesmo do final do século passado, as transformações ocorridas no cenário geopolítico do espaço geográfico mundial, já eram visíveis. O mundo já não era mais o mesmo como de antes – dos tempos de Guerra Fria –, ou seja, a nova realidade se caracteriza pela multiplicação dos Estados nacionais independentes, pela “enorme

diversidade em dimensões e de área e população” como apontou o professor Pedro Pinchas Geiger, a formação de novos blocos econômicos e ressurgimento de Japão e Alemanha como novas potências regionais e, também mundiais. Segundo David Harvey (2020) “o Japão e a Alemanha tornaram-se concorrentes do capital estadunidense a partir do fim da década de 1960, da mesma maneira que os Estados Unidos superaram o capital inglês (e ajudaram a rebaixar o Império Britânico) no decorrer do século XX”. Mas, é importante notar que, se, por um lado, desaparece a distinção entre vencedores/vencidos na Guerra Fria, reafirma-se, por outro, em termos político-militares, o conceito de superpotência. Contudo, o formato da bipolaridade foi perdido, frente o colapso da antiga superpotência que foi a ex-União Soviética.

Neste sentido, pode-se dizer que há algum tempo não ouvíamos falar da ameaça (sempre) presente da eclosão de uma guerra nuclear. O assunto voltou à tona com a invasão da Ucrânia pela Rússia no dia 24 de fevereiro do ano corrente. Antes de tal acontecimento, o fato mais recente que assombrou a humanidade com a ameaça da tão temida 3ª Guerra Mundial, foi o ataque terrorista às torres gêmeas do World Trade Center, no dia 11 de setembro de 2001. Agora, novamente, volta-se a se falar quase que constantemente em uma possível guerra nuclear, diante das instabilidades geradas pela Guerra na Ucrânia.

Para quem pensa que essa ameaça não existe ou que é apenas uma remota falácia, é preciso tomar ciência que a ameaça é mais do que real. A diferença é que hoje a humanidade não mais se encontra diante da guerra iminente e da paz impossível, típica das décadas de Guerra Fria, instaurada no pós 2ª Grande Guerra, quando o mundo foi dividido entre Estados Unidos – EUA e ex-União Soviética, que disputam a hegemonia global. Disputa essa que ficou conhecida como Corrida Armamentista ou a Paz Armada, onde as duas superpotências buscavam espalhar tropas e armamentos por todos os seus territórios de influência, de modo a ganhar superioridade. Dizia-se a época que, enquanto ambas as superpotências estivessem em equilíbrio não haveria uma declaração de guerra de ambas as partes, mas o risco iminente nunca desapareceu.

Em outras palavras, é preciso compreender que a Guerra Fria pode até ter acabado, conforme afirmam alguns autores, mas a disputa armamentista ainda não se encerrou. Hoje, não são apenas os cinco países (EUA, Rússia, China, Grã-Bretanha e França) que formam a cúpula do Conselho de Segurança de ONU que detém armamentos nucleares; outros países já desenvolveram o mesmo arsenal, tornando-se novas potências nucleares, dentre eles: Israel, Índia, Paquistão e Coreia do Norte. Contudo, na atualidade de todo potencial nuclear existente no globo, 90% desse total estão nas mãos só dos EUA e da Rússia. Logo, hoje a ameaça é muito maior do que ontem. Sobre esta realidade, é oportuno transcrever aqui a análise recente do professor Noam Chomsky, em que afirma:

Não menos sombria é a crescente ameaça de guerra nuclear. O bem informado ex-secretário de Defesa dos EUA, William Perry, que não é nenhuma Cassandra, considera que “a probabilidade de uma calamidade nuclear [é] mais alta hoje” que durante a Guerra Fria, quando escapar do desastre inimaginável beirava um milagre. Nesse meio-tempo as grandes potências continuam investindo obstinadamente em seus programas de “insegurança nacional”, na apropriada expressão do analista de longa data da Agência Central de Inteligência (Central Intelligence Agency – CIA, na sigla em inglês) Melvin Goodman. Perry também é um daqueles especialistas que recorreram ao presidente Obama para “extinguir o novo míssil de cruzeiro”, uma arma nuclear com sistema de mira aperfeiçoado e poder de explosão mais baixo que poderia fomentar uma “guerra nuclear limitada”, que rapidamente se agravaria e se intensificaria por dinâmica familiar até descambar no

completo e absoluto desastre. Pior ainda, o novo míssil tem versões nucleares e não nucleares, de modo que um “inimigo sob ataque poderia supor o pior e reagir de maneira exagerada, iniciando a guerra atômica”. Mas há pouca razão para esperar que alguém dê ouvidos ao conselho, uma vez que os planos de trilionários incremento dos sistemas de armamentos nucleares do Pentágono prosseguem a passadas largas, enquanto as potências menores dão seus passos rumo ao apocalipse” (CHOMSKY, 2017, p. 10-11).

Ou seja, o colapso do grande Império Soviético não produziu uma ordem mundial monopolar, como pretendeu anunciar ao mundo os EUA, com base no chamado “fim da história” ou na dita “nova ordem mundial pós-guerra fria”, que alguns denominam de globalização. Os preceitos desta suposta ordem monopolar estão fundamentados no Consenso de Washington (1989) – última estratégia de dominação norte-americana do século XX. De certo que os EUA, no pós 2ª Guerra, firmaram-se como o primeiro entre os desiguais, condição que ainda hoje exercem. Em grande medida, até hoje o governo da Casa Branca ainda estabelece os tons do discurso global, influenciando em um extenso conjunto de problemas geopolíticos internacionais, questões que se estende do conflito entre Israel-Palestina, Irã, América Latina, organização econômica mundial, que envolve a disputa com a China, “guerra ao terror”, direitos e justiça e outros temas de grande relevância aos mais importantes pontos do debate relativo à sobrevivência da humanidade, como a questão ambiental e a guerra nuclear.

Em outros termos, a história segue se repetindo, como afirmou Marx, algumas vezes como tragédia, outras como farsa. Os EUA não perderam todo seu poder, mas em contrapartida, o mundo não se tornou monopolar como Washington ainda pretende materializar. A ordem multipolar gerou uma maior instabilidade global. Se antes havia um “equilíbrio do terror”, hoje existe apenas o terror, o equilíbrio já disse adeus. A humanidade encontra-se nas mãos de alguns homens, que a qualquer momento por se sentirem ameaçados podem a vir fazer uso da capacidade bélica nuclear que armazenam em seus territórios.

Portanto, para quem acredita na globalização como uma nova ordem mundial, na essência está acreditando no “canto da sereia”, ou seja, na globalização como fábula – no mundo tal como nos fazem crer, conforme afirmou o professor Milton Santos. A globalização nada mais foi e é, do que a ilusão vendida para se acreditar que o único modelo econômico possível é o dominado pelo mercado, e que todas as pessoas podem ter o que quiser, como se não existissem desigualdades e contradições. Por conseguinte, diante da suposta globalização dos lugares e das pessoas, todos estamos salvos, quando na verdade os riscos são muito maiores do que antes. Em outras palavras, a revolução científica e tecnológica que ocorreu nas últimas décadas, principalmente nos meios de comunicação e de transportes, gerou uma espécie de efeito hipnotizador sobre as sociedades, onde todas as pessoas se preocupam muito mais com ter (material) do que com ser (sócio-espiritual). É a concretização da inversão dos valores e da banalização da vida.

Como a história não acabou e o tempo não para, resta-nos aguardar em qual direção o vento irá soprar. Pois, se antes longe era distante, hoje está ali defronte, e diante de guerra nuclear, o mundo pode até ser grande, mas a terra é pequena, como afirma Gilberto Gil. Neste ínterim, é preciso que sejamos mais serenos e cautelosos no momento histórico atual, pois existe uma enorme perplexidade no que tange ao destino do futuro da humanidade.